

Imagens da África

Da Antiguidade ao século XIX

Organização e notas de
ALBERTO DA COSTA E SILVA



PENGUIN

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2012 by Alberto da Costa e Silva

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with
Penguin Group (USA) Inc.

PROJETO GRÁFICO PENGUIN-COMPANHIA
Raul Loureiro, Claudia Warak

PREPARAÇÃO
Mariana Delfini

REVISÃO
Huendel Viana
Jane Pessoa
Márcia Moura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Imagens da África: (da Antiguidade ao Século xix) /
organização e notas de Alberto da Costa e Silva —
1ª ed. — São Paulo: Penguin, 2012.

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-63560-57-5

1. África — Civilização. 2. África — Colonização 3. África
— História. 1. Título. II. Silva, Alberto da Costa

12-11872

CDD-960

Índice para catálogo sistemático:
1. África: História 960

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500 Fax: (11) 3707-3501
www.penguincompanhia.com.br
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Introdução	9
Heródoto	17
Deodoro da Sicília ou Diodorus Siculus	20
Estrabão	23
Plínio, o Velho	26
Autor anônimo do <i>Périplo do mar Eritreu</i>	28
Tuan Ch'eng Shih	31
Ibn Al-Fakih	32
Al-Bakri	33
Al-Idrisi	37
Chao Ju-Kua	40
Al-Umari	42
Ibn Battuta	49
Ibn Khaldun	58
Gomes Eanes da Zurara	65
Álvaro Velho	71
Alvise de Cadamosto	77
Duarte Pacheco Pereira	83
Duarte Barbosa	89
Valentim Fernandes	99
Antônio Fernandes	106
Alessandro Zorzi	108
Leão Africano	111
Padre Francisco Álvares	115
Piloto anônimo português	131
João de Barros	134

Diogo do Couto	144
Padre Francisco de Monclaro	146
Garcia Mendes Castelo Branco	152
Duarte Lopes e Filippo Pigafetta	154
André Álvares d'Almada	157
Andrew Battell	165
Pieter de Marees	169
D. R.	176
Frei João dos Santos	179
Padre Pero Pais	187
André Donelha	199
Padre Baltazar Teles	206
Padre Jerônimo Lobo	210
Olfert Dapper	218
Giovanni Antonio Cavazzi de Montecuccolo	221
Sieur B. Dubois	228
Francisco de Lemos Coelho	230
Antônio de Oliveira de Cadornega	237
Willem Bosman	249
David van Niendael	255
Jean Barbot	261
William Snelgrave	266
John Atkins	269
Anders Sparrman	271
Olaudah Equiano	275
John Matthews	289
Robert Norris	292
Archibald Dalzel	299
James Bruce	303
Mungo Park	308
Lacerda e Almeida	316
Padre Vicente Ferreira Pires	320
Thomas Winterbottom	331
João da Silva Feijó	333
Thomas Bowdich	336
Dixon Denham	339
Hugh Clapperton	343
René Caillié	352

Osifekunde	358
Thomas Birch Freeman	362
Theodore Canot	365
Mahommah Gardo Baquaqua	368
George Tams	371
Mansfield Parkyns	374
Frederick E. Forbes	377
Heinrich Barth	383
David Livingstone	396
Thomas J. Hutchinson	400
Richard Burton	402
John Hanning Speke	412
Anna Hinderer	415
Abade Laffitte	419
Henry Morton Stanley	422
Capelo e Ivens	429
Serpa Pinto	453
Henrique de Carvalho	463
Richard Austin Freeman	472
Mary Kingsley	482
<i>Bibliografia</i>	489

Heródoto

Historiador grego (c. 484 — c. 425 a.C.) nascido em Halicarnasso, tido como o pai da História. Além de escrever sobre a Grécia com base nas tradições orais, estudou outras civilizações e culturas de seu tempo.

Méroe

Fui até Elefantina,¹ a fim de ver o que pudesse com os meus próprios olhos, mas para as terras que se estendem mais para o sul tive de me contentar com o que me disseram em resposta às minhas perguntas. [...]

Ao sul de Elefantina, o país é habitado por etíopes,² que ocupam a metade [da ilha] de Tachampso, a outra metade pertencendo aos egípcios. Acima da ilha há um grande lago e nas praias ao seu redor vivem tribos nômades de etíopes. Depois de atravessar o lago, voltamos ao Nilo, que nele deságua. Nesse ponto deve-se desembarcar e viajar ao longo do banco do rio durante quarenta dias, por causa das rochas aguçadas, algumas a mostrar-se acima das águas e outras no mesmo nível destas, o que torna o rio im-

¹ Assuã, ao norte da primeira catarata do rio Nilo.

² A palavra aplicava-se a todos os negros.

praticável para as embarcações. Após esse percurso de quarenta dias por terra, volta-se ao barco e, doze dias depois, chega-se a uma grande cidade chamada Meroe,³ que se afirma ser a capital dos etíopes.

HISTÓRIA

Os pigmeus

[Dois jovens líbios resolveram explorar o deserto em busca da nascente do Nilo.]

Com boas provisões de água e de víveres, eles percorreram primeiro a zona habitada. Depois de atravessarem essa região, chegaram àquela onde vivem os animais selvagens e, depois, começaram a caminhar pelo deserto, com o zéfiro a soprar-lhes na face.⁴ Tendo cruzado, no correr de muitos dias, uma grande extensão de areia, viram finalmente numa planura algumas árvores. Chegaram junto de uma delas e começaram a lhe colher os frutos. Estavam nisso quando foram atacados por uma gente pequenina, mais baixa do que os homens de estatura média. Capturados pelos assaltantes, que falavam uma língua incompreensível, os dois líbios foram levados por vastos alagadiços até um vilarejo onde todos eram baixinhos e de pele

³ A partir do século v a.C. (se não antes) a cidade de Meroe foi a capital do poderoso reino de Cuxe, na Núbia. Importante centro caravaneiro e produtor de ferro, Meroe, de que restam imponentes ruínas, fica à margem direita do Nilo, um pouco acima da confluência deste com o rio Atbara. O reino de Cuxe extinguiu-se possivelmente no decorrer do século iv de nossa era.

⁴ Como o zéfiro sopra de oeste para leste, os dois jovens se dirigiam para sudoeste.

negra. A aldeia ficava à margem de um grande rio,⁵ no qual havia crocodilos.

HISTÓRIA

⁵ Talvez tenham chegado ao rio Níger, na região entre Jenné (ou Djennê) e Tombuctu, onde são abundantes as lagunas, os riachos, os furos e os pântanos. Ou ao Bahr al-Ghazal, que sai do lago Chade.

Deodoro da Sicília ou Diodorus Siculus

Historiador grego, viveu em Agyrium, na Sicília, de 80 a 20 a.C., aproximadamente. É autor de uma história universal em quarenta livros, a Biblioteca da História, da qual nos chegaram completos os livros I a V e IX a XX.

Os primeiros homens

Os etíopes,⁶ como afirmam os historiadores, foram os primeiros de todos os homens, e as provas disso são evidentes. Praticamente todos concordam em que eles não chegaram como imigrantes às terras que ocupam, mas delas eram nativos e, por essa razão, ostentam com justiça o título de “autóctones”. Além disso, é claro para todos que aqueles que vivem sob o sol do meio-dia foram, com toda a probabilidade, os primeiros a serem gerados pela terra, uma vez que se deve ao calor do sol, no surgimento do universo, o tê-la enxugado, quando ainda estava úmida, e a impregnado de vida. Sendo assim, é

6 A palavra aplicava-se, de um modo geral, aos africanos negros. Deodoro da Sicília refere-se aos que viviam ao sul da segunda catarata do Nilo e destaca em sua obra os cuxitas de Napata e Méroe.

razoável supor que a região mais próxima do sol tenha sido a primeira a produzir seres vivos.

Dizem os historiadores que os etíopes foram os primeiros que aprenderam a adorar os deuses e a organizar sacrifícios, procissões e festivais em honra deles; [...] que os egípcios são os descendentes de colonos etíopes, chefiados por Osíris; [...] e que a maior parte dos costumes egípcios são etíopes, havendo os colonos preservado seus antigos modos de vida. A crença de que os reis são deuses, o especial cuidado que dão a seus sepultamentos e muitas outras matérias de natureza semelhante são práticas etíopes, do mesmo modo que as formas de suas estátuas e a maneira como escrevem.

BIBLIOTECA DA HISTÓRIA

O rei de Napata

Diz-se que entre os etíopes persiste um estranho costume. Quando o rei [de Napata],⁷ por alguma razão, sofre um dano em alguma parte do corpo, todos os cortesãos devem, por sua própria escolha, infligir-se o mesmo dano, porque consideram que seria desonroso que, tendo o rei ficado coxo de uma perna, seus súditos mais próximos continuassem perfeitos e andassem pelo palácio, a acompanhar o soberano, sem mancar; e seria estranho que uma sólida amizade, que partilha dor e pena, assim como todas as outras coisas boas e más, não participasse dos sofrimentos do corpo. Diz-se ser de norma que os cortesãos se suicidem para acompanhar um rei que mor-

⁷ A cidade de Napata, a jusante da quarta catarata do Nilo, foi a capital do poderoso reino de Cuxe, na Núbia, do século IX ao século V a.C., aproximadamente, quando foi substituída por Méroe. O reino de Cuxe extinguiu-se possivelmente no decorrer do século IV de nossa era.

re, e que esse suicídio é honroso e prova de verdadeira amizade. Por esse motivo, diz-se, é rara entre os etíopes uma conspiração contra o soberano, pois todos estão preocupados com a segurança do rei, uma vez que dela depende a deles próprios. Esses costumes persistem entre os etíopes que vivem em sua capital, na ilha de Meroe,⁸ e nas terras adjacentes ao Egito.

BIBLIOTECA DA HISTÓRIA

⁸ Os antigos tomaram Meroe por uma ilha porque ficava entre três rios: o Nilo, o Atbara e o Nilo Azul.

Estrabão

Geógrafo e historiador grego (c. 63 a.C. — c. 25 d.C.), nascido em Amasya, em Pontus, na Ásia Menor. Viajou por diferentes terras e escreveu uma Geografia em dezessete livros.

Os pigmeus

Em geral, as extremidades do mundo habitado, que ladeiam aquela parte da terra que não é temperada nem habitável, por causa do calor ou do frio, são necessariamente imperfeitas e inferiores às regiões temperadas, e isto se mostra claro nos modos de vida de seus habitantes, que não têm atendidas as necessidades básicas de um ser humano. Eles enfrentam uma vida dura, andam nus e são nômades; seus animais domésticos — ovelhas, cabras e vacas — são pequenos; e seus cães também, embora rápidos e bravos. Talvez seja da natural baixa estatura dessa gente que se tenha concebido a ideia dos pigmeus e os inventado, pois nenhum homem digno de fé jamais afirmou tê-los visto.

Os negros

Os etíopes vivem de painço e cevada, de que também fazem uma bebida. Em vez de azeite de oliva, eles usam manteiga e sebo. Tampouco possuem árvores frutíferas, exceto algumas tamareiras nos jardins reais. Alguns usam capim como comida, e brotos, lótus e raízes de junco, além de carnes, sangue, leite e queijo. Veneram como deuses os seus reis, que geralmente permanecem encerrados em suas moradas. O principal reino tem sua sede em Meroe, cidade que tem o mesmo nome da ilha. Diz-se que esta tem a forma de um escudo oblongo. Seu tamanho talvez tenha sido exagerado: cerca de 3 mil estádios de comprimento e mil de largura.⁹ A ilha possui numerosas montanhas e amplas matas. É habitada por nômades, caçadores e agricultores, e conta com minas de cobre, ferro, ouro e vários tipos de pedras preciosas. [...] Nas cidades, as casas são feitas de hastes de palmeira entrelaçadas ou de tijolos. E os meroítas cortam blocos de sal das rochas, como os árabes. Entre as árvores são encontradas em abundância as palmeiras, a perseia, o ébano e a ceratia.¹⁰ Além de elefantes, há para caçar leões e leopardos. E serpentes, que atacam os elefantes, e muitos outros animais selvagens, pois os bichos fogem das regiões mais quentes e áridas para essa, que possui muita água e alagadiços. [...]

Os etíopes usam arcos de 4 côvados de comprimento,¹¹ feitos de madeira endurecida pelo fogo, e armam também suas mulheres, a maioria das quais usa um anel de cobre no lábio. Vestem-se de peles de ovelha, uma vez

⁹ Com o estádio valendo 206,25 m, a ilha mediria cerca de 619 km de comprimento e 206 km de largura.

¹⁰ Pode ser a alfarrobeira ou a falsa acácia.

¹¹ Ou aproximadamente 2,64 m. O côvado correspondia a cerca de 66 cm.

que não possuem lã, pois seus carneiros têm o pelo como o das cabras. Alguns etíopes andam nus ou encobrem suas virilhas com pequenas tangas de pele ou de pelo tecido. Consideram deus o ser imortal criador de todas as coisas, e também um ser mortal, que não tem nome e não pode ser identificado. Mas, em geral, têm por deuses seus benfeiteiros e reis. Estes últimos por serem os salvadores e guardiões de todos. E certos indivíduos são considerados deuses, num sentido especial, por aqueles que deles receberam mercês. Entre os que vivem próximo à zona tórrida, alguns são considerados ateus, e diz-se que odeiam até mesmo o sol e o insultam quando o veem nascer, porque os queima e guerreia, obrigando-os a fugir deles, refugiando-se nos pântanos. Os habitantes de Méroë adoram Hércules, Pã e Ísis, além de alguns deuses bárbaros. Quanto aos mortos, alguns os jogam no rio, outros os encerram em vidro e os mantêm em casa, e há aqueles que os enterram ao redor dos templos, em caixões de barro. Eles invocam em seus juramentos os mortos e os consideram o que há de mais sagrado. Elegem reis os homens mais belos, os que se destacam como criadores de gado, os mais corajosos ou os mais ricos. Em Méroë, no passado, o poder supremo estava nas mãos dos sacerdotes, que davam ordens ao próprio rei e podiam determinar, por meio de um mensageiro, que este se suicidasse, e substituí-lo por outro. Esse costume foi quebrado, porém, há algum tempo, por um rei que, à frente de seus soldados, entrou no templo do altar dourado e matou todos os sacerdotes.